

O PONTO



PROJETO DE EXTENSÃO DE PROFESSORES E ESTUDANTES DO CURSO DE
LETRA E LETRAS - UNILAB/BA

***“Ano passado
em morri.. mas
esse ano eu não
morro!”***

Os versos do cantor Belchior (canção “Sujeito de Sorte”) refletem a força da resistência que reside em qualquer cidadão e cidadã que, diante da obscura realidade que vivemos, tem sobrevivido. “Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro!” diz o início do refrão da canção composta em 1973 e lançada no álbum “Alucinação”, em 1974. O cantor Emicida, em 2019, regravou a canção em seu álbum “Amarelo”, acrescentando versos que dialogam com o texto original de Belchior, repaginando e reforçando o caráter forte e resistente da letra original. O destaque que Emicida dá ao clamor de Belchior é uma evidência de como ainda estamos sangrando, chorando e resistindo às forças que não desistem de oprimir e matar.

A opressão está no preço da cesta básica, do arroz, do pão, do leite e do feijão. Está no desmonte da Petrobrás, da Educação e do SUS. Está no preço dos combustíveis e do gás de cozinha que, em dezembro de 2015, quando se dizia que o país estava passando por uma das piores crises de sua história, custava pouco mais que 50 reais. Hoje, depois de tirar o PT e “resolver tudo”, o botijão de 13kg chega a custar 120 reais. Tínhamos uma promessa de 10% do PIB destinados à Educação pelo Plano Nacional da Educação com a garantia do Pré-Sal. Entretanto, após o golpe de 2016, aqueles que votaram a saída da então presidenta Dilma em nome da família, da bíblia, do cidadão do bem e até de torturadores da ditadura militar, também votaram a chamada “PEC do Fim do Mundo”, congelando os investimentos em Saúde e Educação por 20 anos no país. Então é esse o plano, aumentar o preço dos bens básicos de consumo, aumentar o desemprego, congelar salários e não investir no desenvolvimento social.



Em diversos níveis da política brasileira, as pastas da educação, da saúde, da cultura e dos direitos humanos têm sido duramente afetadas pelo projeto de opressão e exclusão que se desenvolve através de diversas estratégias, ou dispositivos de poder, utilizando o conceito de Michel Foucault. Secretarias municipais são fechadas, outras são unidas, reduzindo os orçamentos que, obviamente, não são utilizados em outras necessidades da população. Verbas de merenda, infraestrutura e apoio didático da educação são desviadas sem explicações ou fiscalizações dos órgãos competentes. Planos sociais são reduzidos e cancelados, assim como grandes programas que em muito beneficiavam, sobretudo, a população empobrecida brasileira. E a única desculpa que existe é que a causa de todas as dores é a pandemia de COVID-19.

Não estamos aqui defendendo a ideia de que a pandemia não tem sido um grande problema com impactos terríveis em nossa situação. Entretanto, nossas dificuldades já eram imensas e a pandemia acabou por ser usada como mais uma estratégia de opressão e genocídio da população. A pandemia no Brasil teve sua ação ampliada pela força política da morte e da exclusão que impera atualmente no país e boa parcela dos mais de 600 mil mortos por conta da doença poderia ter sido sim salvos caso houvesse responsabilidade e respeito aos direitos humanos por aqui. Com toda certeza, temos chorado demais... temos sangrado pra cachorro!

No entanto, 2022 está chegando. Será um ano muito difícil... mais um... mas um ano em que será preciso transformar cada lágrima, cada ronco de barriga vazia, cada grito e cada momento de sofrimento em voto contrário. Será um ano de pararmos de dar luz às falácias daqueles que têm se beneficiado de nossa opressão e pensarmos mais nos que estão sobrevivendo a tudo isso. Não podemos continuar compartilhando as fake News e as notícias de um desgoverno que não trabalha por nós. Não podemos mais acreditar na fala dos falsos mitos, dos falsos profetas e daqueles que estampam a cara de bons moços e moças mas que não sabem das reais necessidades do povo. Não podemos mais aceitar que os indígenas sejam mortos por uma política maléfica, nem que as populações das favelas sejam desonradas pela atuação da truculenta polícia do Estado. Não podemos mais dormir com as barrigas roncando enquanto os discursos dos palhaços da política brincam com nossa tristeza. A pandemia, que não é uma gripezinha, precisa ser enfrentada por uma liderança responsável e que ela seja o nosso maior desafio, com alimentação adequada, educação possível, saúde justa... com dignidade. No passado nós morremos... mas em 2022 não morreremos jamais!!!

Alexandre Silveira





Papo Reto

ESCRITOS DA VIDA NA PANDEMIA (continuação)

Conforme prometido na edição nº10, damos continuidade à publicação dos textos construídos dentro da disciplina "Enunciação, discurso e texto", sob a condução do Prof. Carlos Maroto Guerola



Mirian Alves Costa

Mirian Alves Costa é graduanda do curso de letras, em período pandêmico. Com o intuito de melhorar seu desempenho como futura professora de língua portuguesa, busca capacitar-se, mesmo no bojo da crise sanitária. Diante desse panorama, o esforço está sendo a melhor forma de enfrentamento para novas conquistas.

Moradora do Condomínio São Francisco, situado na estrada de Campinas no Bairro Gurugê, afirma que essa comunidade é suficiente para descrever realidades e vivências das pessoas que ali habitam. Em função disso, no que diz respeito às ações e atitudes dos moradores ao longo dessa crise que perdura há um ano e cinco meses, sinaliza situações constrangedoras nesse condomínio, tais como: aglomerações sem máscara em churrascos, paredões, mesas de jogo, festas em geral, dentre outras burlas às regras sanitárias. Diante dessa situação, essas atitudes ilícitas contribuem para proliferação da doença, ocupação de leitos nos hospitais e até a morte. Os desafios educacionais e laborais foram muitos desde que começou a pandemia. Desse modo, se fez necessário o exercício da empatia e da resiliência. Diante desse panorama, trocar a sala de aula pelo ensino remoto e driblar toda a situação ??, com essa nova realidade, desestabilizou tudo. Com isso, tiveram colegas que trancaram o curso e disciplinas, por adquirirem a doença ou por óbito de seus entes queridos. Em virtude dos fatos e acontecimentos, pedi muita força a Deus, para poder encarar as situações difíceis.

Uma das coisas preocupantes é o suprimento de equipamentos necessários para que os estudantes realizem suas atividades. Em função disso, existiu um programa na universidade que doou tablets e chips, com dados móveis de internet da operadora claro, que não contemplou todas as localidades. Em função dos elementos destacados, muitos estudantes não receberam os tablets por questões de análise social, tendo que dividir o celular com mais de uma pessoa na casa. Além do mais, não são todos os aparelhos móveis que possuem memória suficiente para baixar programas e enviar arquivos pesados. Enquanto essa situação não se resolver, é óbvio que desistir não será decisão para guerreiros persistentes.

Se graduar em tempos de pandemia demonstra meta e disciplina dos alunos, mesmo que encontrem obstáculos e dificuldades nas mais inusitadas situações. Mesmo com o novo normal, geradora de uma nova visão de mundo, as ações educativas ainda são possíveis, por parte de quem ensina, a depender do empenho de cada um. Por fim, o ânimo ainda é o melhor caminho para o enfrentamento na formação dos estudantes.

Natali Chaves Mota

Quem sou eu? Atualmente no sétimo semestre do curso Letras – Língua Portuguesa, na UNILAB, no Campus dos Malês, escolhi o curso de licenciatura porque sempre tive orgulho dos meus professores do ensino básico. Estou na UNILAB porque acredito no projeto político-ideológico da instituição.

Talvez vocês não saibam, mas eu moro no Malembá de Baixo, um bairro contestável e distante do centro de Candeias. O lugar onde vivo é constituído por pessoas negras e humildes, muitas delas trabalhadoras da indústria e do comércio. Faz pouco tempo que minha comunidade foi asfaltada. Na verdade, alguns ruas ainda se encontram no barro. Onde eu moro, não existe saneamento básico nem coleta seletiva. Por esses e outros motivos, não há cobertura de algumas redes de telefonia e os moradores não usufruem de direitos básicos. Por conta da inacessibilidade, os moradores locais precisam caminhar 45 minutos para chegar no ponto de ônibus e nas escolas mais próximas. Também faz pouco tempo que a internet chegou por essas bandas e, só existe devido ao aumento substancial da população local. Sabemos bem como o capitalismo funciona para a população negra, né? Mediante esta descrição, podem perceber que a administração municipal não preza pela cidadania dos moradores da comunidade Malembá de Baixo, pois ela dificulta o acesso aos diversos direitos, como, por exemplo, educação e saúde.

É importante destacar que, bem antes da pandemia, a UNILAB/Malês já atravessava problemas com a inclusão e estabilização de seus discentes e docentes. As problemáticas são inúmeras, mas destacam-se as mais visíveis: internet e comida ruins; bebedouros, ar-condicionados e computadores danificados; pessoas sem auxílio; e insegurança no espaço físico. De modo mais intenso, as problemáticas anteriormente citadas atravessam professores e alunos na modalidade “Ensino a Distância”. Muitos estudantes ainda estão sem auxílio, portanto, estão vivenciando a insegurança alimentar em seus lares. E, infelizmente, boas ferramentas para o ensino a distância não são uma realidade de todos/as. Além disso, não é confortável estudar em casa, pois compartilhar espaço com parentes e vizinhos que não se preocupam com o processo de aprendizagem alheia é conflituoso. Mesmo com essas problemáticas, estudantes e professores permanecem no campus devido ao sonho de formarem docentes decoloniais.

Diante dos fatos supracitados, constata-se que a UNILAB/Malês precisa efetivar políticas de inclusão para seus estudantes e docentes, não somente para sancionar os prejuízos da pandemia, mas para acabar com as problemáticas que se estendem por anos na instituição. Nesse sentido, cabe investir em melhores equipamentos, segurança do campus e em formas mais práticas de conhecer intimamente os/as estudantes em situação de vulnerabilidade social. Tais modificações são importantes para integralizar estudantes e professores de diversas realidades, para distribuir melhor os auxílios de permanência estudantil e para democratizar a educação e o acesso à internet através de chips. Outrossim, percebe-se que falta o espírito de quilombo para resolver os problemas existentes na instituição, pois sempre uma parte dos integrantes que constituem a universidade é excluída nas tomadas de decisões. Sendo fundamentais essas mudanças, por enquanto, a sobrevivência da UNILAB encontra-se ameaçada.

Gilmar Ferreira da Costa

Estudante e trabalhador, eu sou. De nome Gilmar Ferreira da Costa, sou negro, graduando em Letras pela UNILAB – Campus dos Malês ao mesmo tempo em que, na área profissional, sou servidor público no município de São Francisco do Conde, lotado na Secretaria de Educação, como agente de apoio educacional da educação infantil. Portanto, externo aqui o ser estudante e trabalhador, agente social em ação.

Uma moradia segura sempre será um diferencial à sobrevivência. Atualmente, estou residindo no bairro de Vila de Abrantes, no município de Camaçari, cidade metropolitana de Salvador. Tenho o privilégio de morar em uma localidade tranquila, permitindo-me qualidade de vida, no tocante à infraestrutura, em tempos tão difíceis como esses da pandemia da COVID-19. Mas, infelizmente, em todos os locais existem pessoas vítimas da desigualdade social com dificuldades, sejam elas dificuldades de moradia, alimentação, saúde e/ou segurança, fatores essenciais à sobrevivência.

Na minha localidade não é diferente: várias pessoas passam por privações diversas, evidenciando a desigualdade social tão comum em nossa sociedade, desigualdade dificultadora de nossa sobrevivência.

Esse período de pandemia nos impõe diversos desafios. Um desses desafios: continuar com o processo de formação profissional qualificada sem espaço adequado, sem bons equipamentos, materiais didáticos de qualidade, internet, etc., completando com a falta de saúde mental e cobranças profissionais. Assim, não tem sido fácil permanecer isolado com saúde mental e equilíbrio para administrar as diversas pressões que os estudos, a vida profissional e a pessoal exigem do indivíduo. O ensino remoto nos permite avançar nos estudos, mas a qualidade da formação não é a mesma que o ensino presencial proporciona, embora também deficitário. As trocas de conhecimentos não são iguais. Portanto, este é um período que requer maior dedicação e controle emocional para se ter qualidade na formação profissional. Administrar emoções e escassez de recursos são grandes desafios enfrentados diariamente.

Uma política sanitária efetiva poderá acabar com o caos pandêmico. A busca da organização civil por políticas públicas efetivas é uma opção de solução diante desse quadro. Pressionar os governantes por ações que solucionem os problemas sociais é um caminho viável. No caso da pandemia, o problema é o vírus, que deve ser combatido, principalmente, com a vacinação e cuidados pessoais, evitando a propagação da COVID-19. Só um movimento coletivo organizado e querer político em cadeia, com políticas sanitárias efetivas, poderão nos tirar do caos causado por essa pandemia. A partir dessas tomadas de decisão, é que poderemos ter novos horizontes com menos pressão psicológica e também condições educativas para uma formação qualificada, através do ensino presencial em instituições de ensino engajadas na realidade dos educandos e nas necessidades da sociedade. Logo, percebe-se que o maior problema hoje é o vírus da COVID-19 e a vacinação em massa é a solução para o início da retomada da vida com as devidas mudanças de comportamento. Portanto, um movimento social organizado e visionário de políticas públicas efetivas, em prol da coletividade, é fundamental neste momento. Pensar na coletividade é promover a continuidade da vida.

As ideias aqui colocadas, mesmo que partindo de um lugar particular, que não deve ser tomado como representação do todo, servem de alerta para imaginarmos o quanto nossa sociedade é múltipla e necessita de um olhar também plural visando o bem coletivo. Muitos têm o privilégio de viver em uma casa que fornece abrigo e conforto, mas um número muito maior não tem esse direito respeitado e garantido. Torcer pela vacinação para todos, exigir dos governantes nossos direitos sociais básicos e cuidar de nossa saúde emocional são desafios necessários para uma vida mais digna. Afinal, estudar, trabalhar e viver saudavelmente ao mesmo tempo, durante uma pandemia, são exigências preocupantes.



Várias informações me definem. Sou Brasileiro, natural do município de Santo Amaro, cidade que fica localizada no Recôncavo Baiano, onde nasci e resido até o momento. Além disso, sou estudante do 7º semestre do curso de Letras-Português, na Unilab-Campus do Malês.

Descrevendo um pouco da realidade do município em que resido, como trabalho em um setor aqui no município, posso ver de perto a realidade dos moradores que aqui residem, e fico muito triste em ver a realidade dos moradores que vivem nos distritos de Santo Amaro-BA, sobretudo, no que diz respeito à educação. Posso perceber que muitos estudantes não tem acompanhado as aulas por falta de ferramentas digitais ou acesso à internet.

Desse modo, com base na vivência, no atual contexto de aulas remotas, quero pontuar que é muito difícil se adaptar às mudanças que tiveram que ser feitas. Além disso, quero dizer que esse momento me fez refletir sobre o desafio do exercício profissional, que exige a quebra de alguns paradigmas, mudanças em conceitos e métodos de ensino, aprendizagem, interação didática, entre outros, pois, enquanto aluno, no momento em que não tive as ferramentas apropriadas em mãos, tive grandes dificuldades e, por pouco, não fui mais um jovem negro, da classe desfavorecida da sociedade brasileira, que abandona os estudos por motivo de dificuldades em ter o material adequado ou condições propícias para continuar os estudos.

Nesse contexto, enquanto aluno de um curso de licenciatura, que nos prepara para sermos professores, sinto a falta de políticas públicas que sejam realmente eficazes no Brasil. Principalmente nesse momento triste de pandemia em que estamos vivendo, em que é impossível negar a importância da tecnologia no processo de ensino e aprendizagem, é muito importante analisar e refletir também sobre as condições do professor, a sua formação docente e, especialmente, analisar e refletir ainda mais sobre a aprendizagem e a realidade dos alunos que se encontram incluídos nesse formato de aula. Vejo que essas poderiam ser soluções para o melhor aproveitamento de ambas as partes.

Assim, em virtudes dos fatos que foram mencionados, concluo que a pandemia não afetou todos da mesma maneira e que pobres e ricos se encontram em barcos diferentes, embora há pessoas que acreditam que todos fomos atingidos da mesma forma. Além disso, é muito importante pontuar sobre a desigualdade social que existe na sociedade brasileira e, sem muitas delongas, reitero o quanto fico triste em ver a realidade de meus conterrâneos, sobretudo, a realidade dos distritos de Santo Amaro-BA onde pude acompanhar de perto o quanto a falta de acesso à internet e de ferramentas digitais tem prejudicado os estudantes da classe desfavorecida. Por fim, quero deixar claro que a falta de políticas públicas eficazes prejudica, sobretudo, à classe pobre do Brasil, e que esses fatores têm influenciado diretamente na nossa educação e prejudicado tanto o desempenho dos professores como, principalmente, dos alunos.

Aos 22 anos, resolveu cursar Letras. Hoje, aos 25 anos, está cursando o 6º semestre de Letras – Língua Portuguesa em meio a essa frustrante e atual realidade pandêmica. Ser professora é uma profissão a qual desejou seguir desde o ensino médio, quando se apaixonou por literatura e interpretação de textos. Além disso, é tímida e caseira, até então chamada de excêntrica por alguns amigos porque tem outros gostos como, por exemplo, assistir animes, ler mangás, ler livros na plataforma de escritores amadores Wattpad, e maratonar series. Ainda, gosta de livros digitais de escritores amadores que a fascinam, principalmente os que estão só começando a escrever, o que ela considera também como literatura.

O bairro onde reside continua igual. Por se tratar de um lugar em que todos se conhecem, nada mudou com a chegada da covid-19. As pessoas saem à rua, sentam na porta de casa, fazem festas como se o vírus não existisse, só que as desigualdades ficaram ainda mais evidentes nessa pandemia. Preconceitos direcionados a pessoas com o vírus cresceram absurdamente. Além disso, muitos desistiram de tomar vacina, por causa de bebida, crenças religiosas ou até mesmo por medo de morrer. O desrespeito em relação às medidas de prevenção se tornou ainda maior porque o uso obrigatório de máscara não é respeitado. Vanessa não reconhece mais as pessoas do próprio bairro.

Essas circunstâncias atuais refletidas no seu bairro e no Brasil trouxeram muitas transformações em sua vida e um novo olhar para as relações entre educação e as práticas pedagógicas, sendo que outrora se via como uma discente em uma universidade com aulas presenciais, sem pressões psicológicas e muito feliz da vida. Hoje, revela que, tendo aulas de maneira remota, sofre com algumas pressões psicológicas em meio à demanda de atividades de alguns professores e, algumas vezes, em meio à falta de acesso à internet. Além disso, enfatiza que lidar com aplicativos com os que quase não está acostumada é complicado. Ela acredita que isso acabou lhe mudando e afetando as pessoas ao seu redor profundamente, principalmente as que moram consigo.

Quanto às alternativas, antes de expô-las, ela sempre fala que é importante frisar que o curso de Letras é presencial, mas que o prédio da Unilab não tem infraestrutura nem instalações adequadas, como também as escolas estaduais e municipais, para acolher estudantes e professores. A partir disso, reforça que é necessário a terminação do prédio da Unilab que ainda se encontra em construção, para que haja com isso uma estrutura melhor para os estudantes e professores. O Reitor precisa pensar mais nos Malês, para além do Ceará. O governo precisa investir na infraestrutura das escolas, que são, na maioria das vezes, precárias, vacinar todas as pessoas e parar de pôr prioridades em tudo. Resumindo, são tantas coisas que precisam ser mudadas, repensadas e feitas que a esperança de Vanessa está se esvaindo, mas a única coisa que ela quer, além disso, é que Bolsonaro saia da presidência da república.

Em suma, nessa modalidade de ensino e nos diferentes espaços da vida social, a permanência do vírus e, consequentemente, a pandemia afetou o dia a dia de todos(as). À medida que foi provocando desigualdades sociais, desgaste físico, psicológico e emocional, levou esperanças junto com um governo genocida e trouxe o pior das pessoas à tona. Enfim, o que ela espera é que os estudos científicos e a educação estejam acima do senso comum, mas, até que a vacinação preventiva por meio das vacinações possa chegar a todo mundo, o que resta é ficar em casa.

Rodrigo Luís Veiga de Souza Hinojosa

Farei um breve comentário sobre as minhas definições. Eu sou Rodrigo, estudante nascido em Salvador, que mora atualmente em Madre de Deus, Bahia, há mais de 12 anos. Nesse contexto onde me situo, no qual tenho um comércio de família, venho construindo a minha vida por todos esses anos. Passado algum tempo morando no município, eu voltei a estudar em 2018. Consegui passar no Enem daquele ano, quando, finalmente, ingressei na faculdade Unilab. Desde então, sigo minha jornada, na vida acadêmica, no curso de letras. Com meus 37 anos, continuo a minha graduação. A minha cidade é muito boa de se viver. Porém, ela é um pouco custosa para os habitantes, sejam filhos da cidade ou agregados como eu. Os habitantes, na sua grande maioria, sobrevivem da pesca; dos trabalhos da prefeitura e da Petrobrás, sobrevivem aqueles que tem um curso profissionalizante e sorte (que muitos chamam de 'peixe'). Tem, por último, aqueles que têm casas de aluguéis ou negócios próprios, que é o meu caso. Além disso, a cidade também proporciona uma boa segurança porque os índices de criminalidade nela são baixíssimos, se for comparada com os outros lugares da Bahia. Isso faz com que qualquer pessoa queira morar aqui. Durante o verão, o turismo é bem forte, lotando as praias paradisíacas e as suas áreas de lazer. Porém, nem tudo são flores. Como em qualquer outro lugar no Brasil, os índices de desemprego também estão elevados. No meio de tantos lugares, com certeza, Madre é uma cidade boa para se viver e criar uma família, desde que você tenha uma boa fonte de renda.

Desde que iniciou a pandemia do coronavírus, em 2020, nós estudantes da Unilab, só tivemos uma semana de aula. Desde então, tudo começou a ficar bem difícil, tanto psicologicamente como financeiramente, já que a covid atrasou tudo e todos. Ultimamente, tem sido bastante difícil estudar remotamente, seja pela forma de conseguir se concentrar nas aulas remotas ou pela conexão defeituosa que as operadoras oferecem em determinados cantos das cidades. Mas, sem dúvidas, a motivação é a pior parte, porque sem uma interação digna, fica muito complicado. As aulas presenciais já estavam sendo um pouco afetadas por vários problemas que a universidade já tinha. Agora, a educação de qualidade está ainda mais comprometida.

O que fazer para melhorar nossa jornada acadêmica durante a graduação na Unilab? Desde a chegada da UNILAB a São Francisco do Conde, em 2014, os problemas de infraestrutura eram evidentes, o que dificultava a vida acadêmica das turmas. Logo a faculdade ficou pequena para a quantidade de alunos matriculados. Essas dificuldades se agravaram com a pandemia do coronavírus, em 2020 por consequência. Sendo assim, nós vamos passando por muitas dificuldades para nos adequarmos ao ensino remoto, no qual, até mesmo os docentes têm momentos difíceis para se adaptar. Por isso, acho que Unilab deveria capacitar melhor os professores, que não agradando a todos, dão aulas monótonas, sem uma dinâmica. É necessário que o estudante se sinta envolvido, tenha algum prazer em estudar e não estude somente para ter um diploma no final do curso. Com os professores mais capacitados para o ensino remoto, as aulas passariam a ser mais prazerosas e eficazes.

Buscar por um método eficaz é difícil. Mesmo que nem todo mundo disponha dos mesmos recursos para estudar, a única solução viável, infelizmente, é remotamente e ela não abrangerá a todos. Para melhorar esse estudo remoto, a direção da universidade deveria saber mais sobre a realidade dos alunos e entregar aparelhos dignos com uma conexão que funcionasse em qualquer lugar, pois nem todas as regiões possuem cobertura de internet. Por fim, tem também as questões políticas, que requerem tempo para se solucionar. Enquanto não há uma vacinação em massa para os estudantes, seguimos torcendo por dias melhores.

Marcos Miler Cavalcante da Silva

Meu nome é Marcos Miler Cavalcante da Silva, tenho 28 anos e estou ainda no caminho de resistência e lutas diárias com este quadro pandêmico. Faço parte da Unilab, cursando Letras, e faço questão de ajudar o próximo, na medida do possível, e de me manter com a saúde intacta, tanto física quanto psicológica, nesta pandemia.

Moro em Candeias, no bairro Nova Brasília, na Travessa Desembargador Teixeira de Freitas. A situação sanitária do bairro está, ainda, de acordo com as medidas provisórias, tendo o uso de equipamentos requeridos para esta pandemia.

A situação atual é de grande responsabilidade e complicada, pois falta a conscientização de todos, não só do meu bairro, mas dos demais próximos, e na Unilab, onde estudo. Na universidade, estou com dificuldades no ensino remoto, pois estou sem PC e notebook para realizar as atividades de maneira eficaz. O ensino à distância tem dificultado um pouco, não só pela falta de ferramentas de ensino-aprendizagem.

As alternativas para esta dificuldade recorrente a todos remetem a uma necessidade de abrigo da universidade, com chips de qualidade – o que não tem ocorrido –, aparelhos de boa qualidade para encarar a situação vigente.

Para contornar a situação da crise sanitária, seriam adequadas políticas de prevenção mais eficazes e campanhas para desmotivar falsas notícias. Na área universitária, seria adequada a ampliação e aplicação de estudos para os professores corresponderem à prática remota, dando aulas para os docentes se saírem melhor nas alternativas universitárias de ensino à distância

Continuaremos a publicar esse trabalho em nossa próxima edição. Aguardem... e acompanhem!





Ônibus das 6

A palavra vem de dentro a mando da alma, ultrapassa a faringe e a glote: finalmente alcança-lhe a boca, e soa "eu te amo".

Todo santo dia, um ônibus ia e vinha entre a minha cidade interiorana até a metrópole. Retratado em verde e azul e mais algumas marcas de ferrugem na lataria, era por inteiro igual aos outros. Um único detalhe o diferia: uma plotagem fraseada no centro do seu para-brisa. Seu modesto dizer, em letras itálicas e faltosas, conformava-nos: "quando estiver triste, lembre-se, alguém é feliz por você existir."

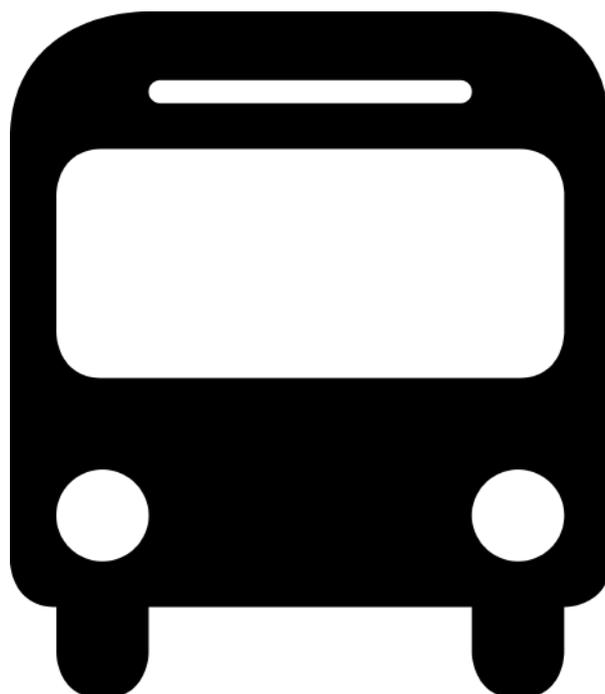
Todo santo dia, ele partia e tornava. Sempre ia, sempre tomava seu rumo desde o clarão do nascer. Mas sempre tornava a aparecer, ao fim da tarde, ao meio dia, às vezes até ao anoitecer, quando em dias de pique. Chegava quando já havia me desencontrado da esperança, atravessando a rua entre a multidão de pessoas cegas-surdas-mudas, essas que andam mais rápido que o passo e não veem o lamento nos olhos daquele moleque que bate a sua porta no sinal à procura do pão.

Apenas olham pra frente, desenfreados, numa corrida de uma vida inteira, veem apenas os vultos de quem passa, atropelam folhas secas e o vento tortuoso. Não enxergam os pássaros, nem os olhares de amor. Esquecem quantas estrelas hão no céu escuro, — mas nunca os horários. — esquecem as insignificâncias que dão sentido à vida: do último banho de chuva. Debaixo do chuveiro elétrico choram e não sabem o motivo pois esqueceram também.

Então, às seis, vem atravessando a buraqueira, trazendo consigo aquele afago ao miocárdio. Logo ouvia a burburinho de sua gente e do seu motor poluente: o peito enchia-se de alegria. Passava o meu cartão-passagem surrado por tanto tempo de uso e sentava no mesmo vazio o que me confortava. Os vendedores entravam, em suas faces as marcas de suor tatuadas pela cegueira do sol pouco misericordioso. Seus olhares davam ao encontro do meu e nenhum brilho se via. Seus semblantes eram abatidos. A vendagem do dia havia sido pouca. Ofereciam balas, pamonha, os ladrões às vezes saqueavam-os o lucro do dia, as pessoas conversavam alto, o coração-motor roncava quase desistindo de bater. Era como ouvir um eu te amo.

Ricardo Liberal

Acadêmico de Letras da UEFS -
Universidade Estadual de Feira de
Santana



Lia

Débora Teles

Te vi chegar, de mansinho, por inteiro. Invadiu meus flancos, me arrasando, e eu rolando de dor. Aceitei, sofri no escuro, te acolhi em minhas entranhas. Gritei seu nome, poucos me acudiram, limpavam minhas feridas, quiseram arrancar você de mim. Te tratei, busquei a cura, odiei a dor, amaldiçoei o amor, me desdobrei em aeróbicas para te expulsar de mim. Por um tempo foi assim, silêncio, superação. Banquei os saltos, pulei bem alto, me imaginei livre. E você veio, me chamou de fraca, escondeu meus segredos de mim. Te superei, mas rompi com o lacre e te libertei para sofrer por inteiro, para gritar de todo jeito o que ele causou em mim. Me vi fraca, você me maltrata, pisa em mim. E eu, eu quero gritar quando você sopeia em meus tendões, esmaga as articulações, só para zombar de mim. Já não quero ouvir esse anúncio de dores mal resolvidas. Contra minha vontade, te carrego. Eu te abrigo, sem querer. Recebo as pedras que me atiram, e te alimento, num looping, no eterno e finito de mim. E você me dá as costas, se abriga nas sombras, me dá esperança de nunca mais ouvir de ti. E é só por gosto de aguçar a dor da sua volta, de me confundir.



Sem ponto

O PODCAST DO
JORNAL O PONTO!

Assistam os episódios de nosso
podcast!



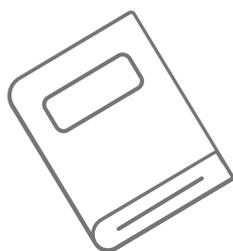
OUÇAM EM TODAS AS PLATAFORMAS!!!



OBRAS DE AUTORIA NEGRA E INDÍGENA SÃO SELECIONADAS NO EDITAL "LEIA PARA UMA CRIANÇA"

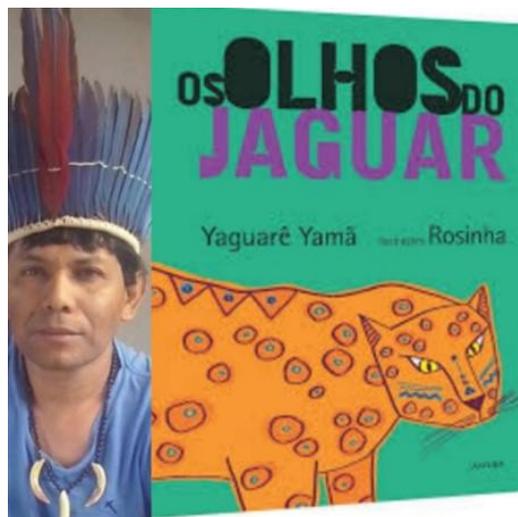
Por Maria Isabel Santos

O Itaú social tem um programa intitulado "Leia para uma criança" que completou 10 anos de história em 2020. O programa tem como objetivo incentivar a adulta leitura para as crianças, possibilitando a interação e construção de laços afetivos, um vínculo importante na primeira infância.



No edital de 2021 foram selecionadas duas importantes obras do repertório literário infantil. Uma das obras, "Os olhos do Jaguar", é de autoria indígena e apresenta narrativas dos povos Maraguá e Sataré escritas por Yaguarê Yamã, com ilustrações de Rosinha, numa produção da Editora Jujuba. A obra destaca elementos típicos da natureza dos povos indígenas, como a floresta, os animais etc. O autor brinca com algumas palavras de origem indígena traduzidas no decorrer do livro. É uma obra cheia de aventura, destacada na valentia do jaguar e nas suas relações afetivas em consequência das amizades e inimizades que vivencia. O texto remete às histórias de animais sempre contadas pelos mais velhos da tribo para as crianças.

A seleção dos livros é feita por meio de edital específico, onde são selecionados livros classificados pela instituição como "obras de qualidade". As obras selecionadas são ofertadas para a sociedade por meio de instituições públicas: Instituições sociais, espaços escolares, bibliotecas públicas, secretarias municipais de educação e outros espaços públicos que podem se cadastrar na página oficial do Instituto Taú Social (<https://www.itausocial.org.br/divulgacao/leia-para-uma-crianca/>)



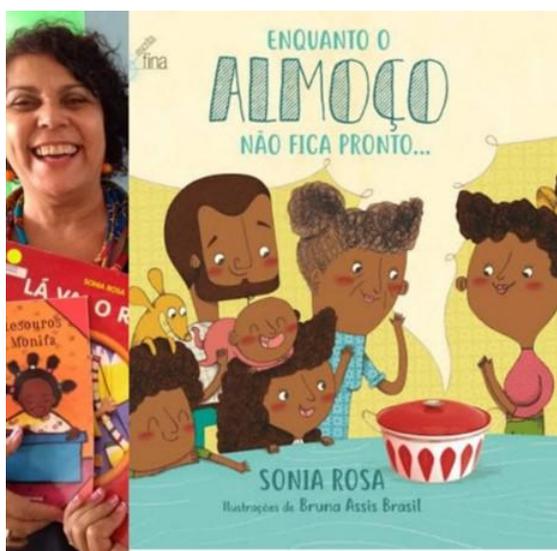
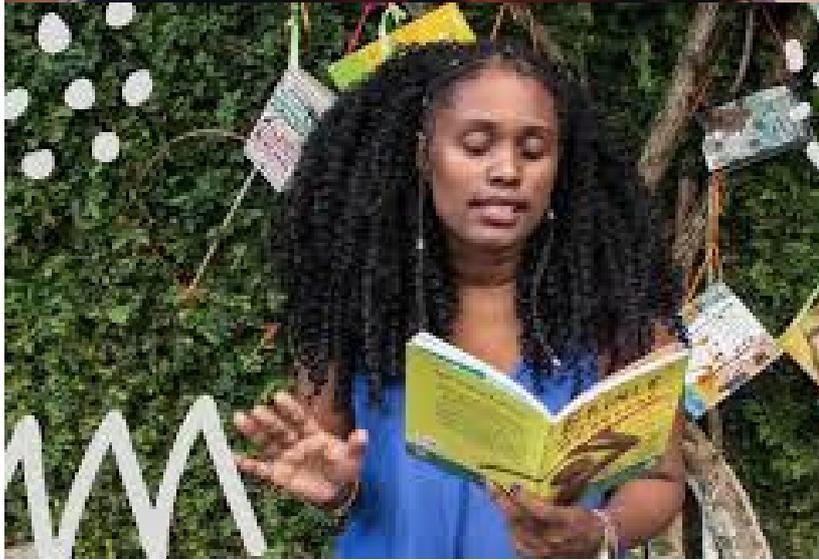
A obra da literatura negra “Enquanto o almoço não fica pronto”, da autora Sonia Rosa e com ilustrações de Bruna Assis Brasil, registra marcas de ancestralidade, cultura, arte, identidade negra e combate ao preconceito e ao racismo. Além disso mostra laços de um lar com pessoas totalmente negras. O livro apresenta imagens lindas, em cores vibrantes com elementos do cotidiano.

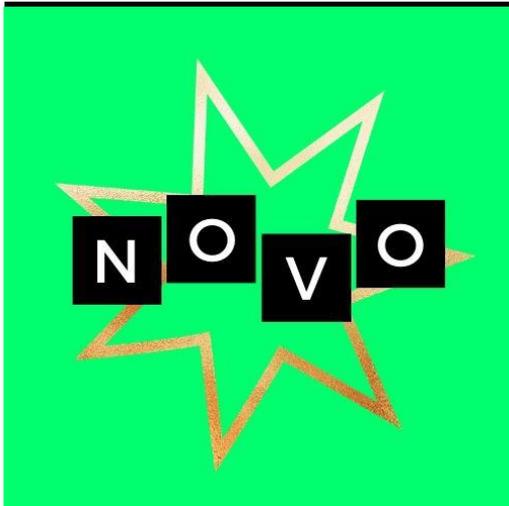
Desde o início do programa, foram distribuídos 61 milhões de livros impressos, mas de 50 mil obras foram ofertas em baile, além de outros recursos acessíveis para deficientes. Para o ano de 2021 pretende-se distribuir 2.000 milhões de livros para as instituições, tendo como público-alvo crianças de 0 a 6 anos.

Os conteúdos acessíveis digitais são disponibilizados para pessoas com deficiências, seus cuidadores e responsáveis. Para tanto, é preciso fazer um cadastro na página <https://www.itausocial.org.br/leia-para-uma-crianca-livros-acessiveis/>.

Alguns exemplares são disponibilizados pelo whatsapp +55 11 98151-1078.

O estímulo e a aquisição de literaturas infantis que retratem a diversidade racial, com personagens e autores indígenas e negros, demonstram uma valorização de riquezas das culturas brasileiras e afrocentradas, por meio da leitura, da aventura e da imaginação da criança. Com certeza é um avanço para os movimentos de luta contra o preconceito racial dentro de uma perspectiva antirracista.





Chegou o Núcleo de Línguas e Linguagens dos Malês - NULIM

Olá!

Nós estávamos ansiosos por poder dar essa notícia para toda a comunidade unilabiana. O Campus dos Malês já possui, oficialmente, o seu Núcleo de Línguas e Linguagens – o NULIM – que veio para somar forças ao desenvolvimento da UNILAB. O principal objetivo do nosso NULIM é promover atividades de ensino, pesquisa e extensão na área de Línguas e Linguagens, direcionadas ao público interno e externo do Campus dos Malês da Unilab, de modo a constituir um centro de referência em educação linguística e cultural na região a partir de uma abordagem decolonial, interdisciplinar e multimodal. O NULIM representa um avanço significativo, juntamente com o Mestrado em Estudos de Linguagem e outras novidades que estão fortalecendo a UNILAB e o Campus dos Malês na Bahia.

Na prática, o que isso significa?

O NULIM é muito mais que um centro de estudos de línguas, mas um forte e possível pólo de extensão e formação humana interdisciplinar que pode contribuir significativamente para a universidade e seu entorno. Além de ministrar cursos de línguas, buscaremos fortalecer e divulgar conhecimentos, culturas e linguagens dos povos de matrizes africanas e afrodiáspóricas, bem como de povos autóctones, como os povos indígenas brasileiros. Nossas ações (oficinas, cursos e eventos) buscarão valorizar e disseminar conhecimentos, culturas, identidades e linguagens dos mais variados povos e comunidades. Também estamos trabalhando no sentido de estabelecer parcerias para promover oficinas e cursos de formação continuada para professores das redes pública e privada, além de cursos na área de línguas e linguagens com vistas ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por exemplo. Isso sem conta com oficinas de produção textual acadêmica e literária, de escrita criativa, de revisão e edição textuais dos mais variados gêneros discursivos.

Outras linguagens também fazem parte de nosso campo de atuação, como as diversas manifestações em termos de artes visuais e audiovisuais, música, teatro e dança. Pretendemos trazer para a comunidade dos Malês a oportunidade de lidar com as artes como expressão de linguagens, entendendo seus significados, formas de produção e leituras críticas da realidade. Assim, além da apreciação e estudo dessas linguagens, poderemos experimentar suas produções, bem como organizar exposições e exibições artístico-culturais.

No campo das línguas estrangeiras, além de organizar cursos preparatórios e, futuramente, aplicar exames de proficiência em línguas, como o Test of English as a Foreign Language (TOEFL) e o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (CELPE-BRAS), planejamos ampliar o leque dessas línguas, englobando culturas outras que foram historicamente subalternizadas. Isso significa dizer que teremos uma oferta de estudos de línguas e culturas relacionadas à África, Timor-Leste, América Latina e outros contextos que a comunidade unilabiana tiver interesse. Igualmente haverá um espaço de destaque para o aprendizado de Português como Língua Estrangeira (PLE) ou Língua Adicional (PLA), servindo inclusive de apoio ao preparo para estudantes que pretendem participar de programas do governo brasileiro, como o Programa de Estudantes de Convênio de Graduação (PEC-G) ou de Pós-graduação (PEC-PG).

Por fim, mas não menos importante, o NULIM tem uma preocupação especial no sentido de contribuir com uma das grandes fragilidades que enfrentamos – o aprendizado de LIBRAS. Nossa intenção é organizar o ensino da Língua Brasileira de Sinais nos níveis básico, intermediário e avançado, reforçando o papel político da inclusão e do respeito à comunidade surda do país. É preciso entender que estudar LIBRAS não se trata de assistencialismo a essa comunidade. Trata-se de favorecer o exercício da cidadania e da democracia linguística na universidade e em sua comunidade externa.

O NULIM certamente será um divisor de águas para o Campus dos Malês pelo seu caráter formador e educador que assume-se antirracista, decolonial e promotor de um letramento político através das múltiplas linguagens, de uma visão pluricêntrica da língua portuguesa, do respeito às variações linguísticas, do combate aos preconceitos e discriminações de qualquer natureza e comprometido com o respeito aos direitos humanos, aos direitos humanos linguísticos e ao exercício da cidadania. A educação é para todes e neutro é sabonete de bebê. NULIM Existe e Malês Resiste!

Alexandre Silveira e Giana Steffen
Coordenadores do NULIM

**Vamos falar
sobre...**

INCLUSÃO?

O processo de formação de professores/as no ensino de Libras na UNILAB: dificuldades e perspectivas

Por Lidiane Conceição

Olá, sou a Vanessa, surda, e implantada. Sou formada em Administração de Empresas, Tecnóloga em Processamento de Dados, pós graduada em Administração Financeira e Libras. Mestre em Psicologia.

Minha família é surda, marido surdo, e filhas surdas e implantadas, cujas idades, 17 anos e 13 anos.

Lido como docente na disciplina LIBRAS - LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS, na UNILAB, desde 2016. Sou coordenadora e membra do Conselho Gestor - NUCLI-LIBRAS.

Lidar nas aulas com os alunos ouvintes, é preciso ter uma boa estratégia de ensino, e saber cativar cada aluno ouvinte, e procurar dar a confiança no ato de ensino. Pois esses alunos, obviamente, vão sentir estranhos ao ter uma docente surda dentro de uma sala de aula. Sigo sempre o exemplo de Paulo Freire, que seria procurar conhecer a vida de cada aluno, e sua trajetória, e buscar informações principais, encaixando com a disciplina, que acaba tornando mais flexível no ato de ensinar. Não é fácil, todavia tudo se torna possível se lutar pelo seu direito e mostrar para a sociedade a importância do conhecimento do mundo dos surdos.

O mundo social, muitas das vezes, observa o surdo, como um deficiente, sem a base de conhecimento da cultura e identidade surda.

"O que diferencia os ouvintes dos surdos é a língua, e, para que sejam incluídos na sociedade, é preciso que todos conheçam a libras, para que possa haver igualdade"

Querem aprofundar mais meus conhecimentos de como profissional, podem acessar nesse link, que mostro a minha experiência de profissional.

<https://www.youtube.com/watch?v=c1KqA7zq05o&t=405s>

Caso queiram aprofundar mais conhecimentos no meu perfil profissional, podem enviar ao e-mail vanessa.teixeirafn@unilab.edu.br



Vanessa Teixeira: surda. Professora de Língua Brasileira de Sinais (Libras) na Unilab.

Coordenadora do Núcleo de Libras. Graduada em Letras Libras – Licenciatura – Polo Fortaleza, em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina, e mestre de Psicologia pela Unifor. Responsável pelo Projeto Laboratório de Libras; coordenadora do Projeto Conversação em Libras; coordenadora do Projeto Clube de Libras, em parceria com a Seduc.





Greves na Saúde na Guiné-Bissau ceifam vidas

Amadú N' Duro Baldé

Estudante da UNILAB, Campus dos Malês; Vº Semestre do Curso de Humanidades

E-mail: amadexstar@aluno.unilab.edu.br

Eu permaneço pensando que, às vezes, a questão do ativismo cívico e sindicalismo são associados à questão partidária, à militância partidária na Guiné-Bissau, sendo que, do ponto de vista legal, acho que os sindicatos estão certos, mas no momento atual da pandemia, devemos ter mais ajuizamento em relação a certos aspectos. Infelizmente, não é o que tem vindo a acontecer com os guineenses. O radicalismo sindical associado às questões partidárias no país não tem ajudado muito. Deste modo, este artigo de opinião visa retratar o impacto da greve na função pública, na vida da população guineense e presumíveis soluções.

Eu tenho observado diversas situações caóticas na Guiné-Bissau, principalmente nas áreas da Saúde e da Educação. É importante enfatizar que a área de Saúde deveria ser prioridade em relação a certas agendas políticas. Isso porque o sistema de saúde tem sido desagradável, sem as mínimas condições para os pacientes e com escassez de pessoas formadas no campo, fato que obriga muitos pacientes a atravessar as linhas fronteiriças com Senegal e Guiné-Conacri em busca das melhores condições de atendimento em saúde. Inclusive os políticos que governam o país, na sua maioria, vão para países da África e da Europa tratar-se. Enquanto isso, o país permanece com piores atendimentos, tanto na capital Bissau como no interior, com grande deficiência de materiais para os profissionais atuarem.

Estes comportamentos são frequentes na Guiné-Bissau, onde uma mulher grávida, cheia de esperança e desejo de ver o seu bebê vai ao Centro de Saúde ou ao Hospital mais próximo a fim de ser atendida. Infelizmente isso não ocorre sempre, ao ponto de perder a sua vida ou a vida de seu/sua bebê. Ou seja, tem pessoas com poder de decidir quem deve viver ou morrer. Fico-me a indagar o porquê? Talvez alguém consiga responder a esta questão, eu não.

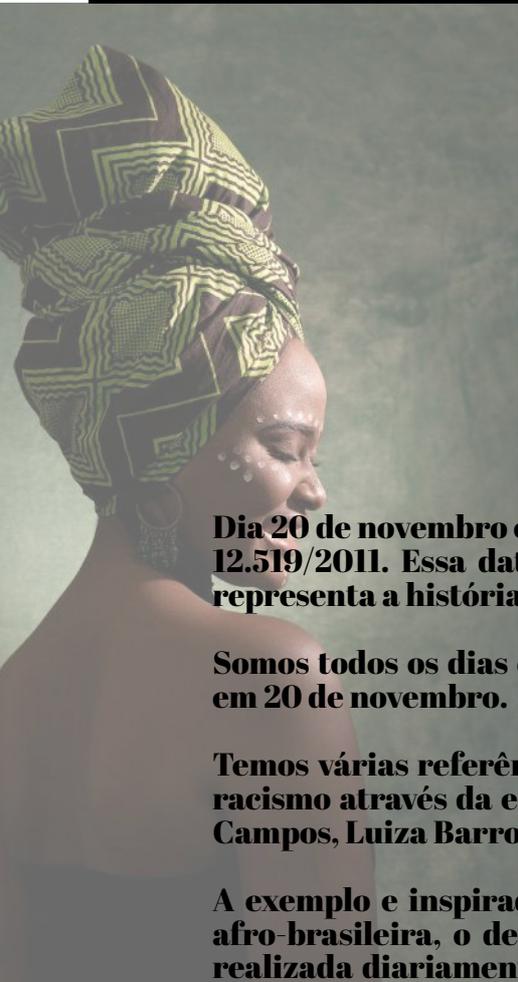
Quero dizer, com isso, que se a saúde não era nada estável imagine com estas ondas de greves que estão acontecendo? Vai ser um holocausto para aqueles que não têm condições de ir aos países próximos para se tratarem. É inegável que todos os guineenses (na Guiné-Bissau, como na diáspora) têm conhecimento das condições físicas e morais que os profissionais de saúde vivem. Digo isso porque o meu pai também é profissional da área há mais de quatro décadas. Volto a reafirmar que é preciso que haja ponderação e diálogo efetivo como mecanismo para resolver os problemas existentes.

É triste ver os cidadãos morrerem todos os dias nos Centros de Saúde e Hospitais, sem técnicos para lhes atender. Isso não é humano. A nação precisa ser conduzida por pessoas com senso de humanidade e princípios axiológicos. Segundo Ernesto Dabó, conceituado escritor guineense, numa das suas entrevistas concedidas à DW, explicou que “naturalmente as questões da greve na Guiné-Bissau tendem a ser vistas à margem do ativismo sindical”. Com isso, entende-se que muitas das agendas sindicais são levadas a cabo por militantes ou pessoas filiadas a vários partidos como estratégia de fragilizar a governação do adversário, contrariando assim a lei sindical, que é apartidária.

Sendo uma questão governamental, o Presidente da República, o governo e a Assembleia da Nacional Popular precisam botar esta agenda da nação em primeiro lugar. Inclusive, o Presidente da República, Umaro Sissoco Embaló, se tivesse minimamente consideração para com o povo guineense, não estaria fazendo as viagens que tem vindo a fazer ao longo do seu mandato, ainda mais com as ondas de greve na saúde. Isso sem falar da educação que também é uma problemática seríssima a tratar. Confio que ele poderia minimizar as suas viagens constantes e propor à assembleia uma redução dos gastos feitos pelos ministros e seus deputados para ajudar na melhoria do sistema de saúde e da educação, que estão muitos débeis e frouxos.

Quais seriam as saídas para essa má política, ou melhor dizer, essa preterição do Estado guineense perante estas ondas de greves que ceifam vidas? Acredito que não existam. Porque se a opressão for a única via para resolução das charadas, a probabilidade tende a ser agudizar dos conflitos. Para atender aos interesses dos sindicatos é necessário que haja diálogo sério e responsável, porque já chega e estamos fartos! Para isso, é conciso que as partes aceitem corrigir certos pontos da negociação.





Dia da Consciência Negra: um dia só não basta!

**Mais um 20 de novembro,
mais um dia de luta,
resistência e consciência
negra!**



PALAVRAS DA
COORDENAÇÃO

Dia 20 de novembro é considerado o Dia Nacional da Consciência Negra, decretado por lei 12.519/2011. Essa data coincide com a morte do grande líder Zumbi dos Palmares que representa a história dos silenciados.

Somos todos os dias convocadxs para o debate e reflexões sobre o racismo, não somente em 20 de novembro.

Temos várias referências que lutaram pela emancipação do povo negro e combateram o racismo através da educação: Maria Felipa, Dandara, Zumbi dos Palmares, Laudelina de Campos, Luiza Barros, Abdias Nascimento e tantos outros.

A exemplo e inspiradxs por estes e estas que nos antecederam, em nossa universidade afro-brasileira, o despertar de consciência negra é todo dia! Nossa luta antirracista é realizada diariamente, tanto dentro quanto fora da sala de aula. O Campus dos Malês e nosso curso de Letras resiste ao formar cada vez mais professorxs e pesquisadorxs pretxs, para que os nossos e as nossas possam ocupar todos os espaços.

Sigamos em frente com nossos projetos antirracistas, que emancipam pessoas, que abrem portas e conscientizam pessoas!

Abraços,

Profas. Wânia e Lavínia

COMING SOON

Mestrado Acadêmico em Estudos de Linguagens: Contextos Lusófonos Brasil - África

**Processo de Seleção
para turma 2021**

Inscrições 29/11 a 10/12

**Confira o Edital em
memaes.unilab.edu.br**





Candeias City: terra multiartística-cultural

Editais são importantes para a permanência de ações culturais no município!

Por Natali Chaves Mota (@natalichavesmota)

Candeense, artista da palavra escrita, cantada e falada

O Brasil sabe que Candeias, uma das cidades metropolitanas de Salvador, Bahia, é a “terra do arrocha”. Mas poucas pessoas sabem que nessa mesma terra encontra-se uma vastidão de movimentos artísticos-culturais. Além dos cantores de arrocha, há diversos produtores de cultura das cenas dança, do axé, da música, das artes cênicas, da literatura, da arte urbana, do artesanato, das artes plásticas, e por aí vai... Apesar da cidade ser um grande celeiro artístico-cultural, é a primeira vez na história que os artistas do município tiveram a chance de disputar editais municipais, os quais contribuirão para o desenvolvimento dos seus trabalhos e suprirão as carências ocasionadas pela pandemia (período em que o trabalho artístico foi profundamente afetado).

Ocorreram três editais municipais: o Rolmar Duarte, a Chamada Pública 03/2021 – Prêmio de Reconhecimento por Trajetória Cultural Aldir Blanc / Candeias e Edital de Chamada Pública Arnaldo Filho (Nadinho) para Espaços Culturais e Artísticos nº 04/2021 – Lei 14.017/2020. O primeiro edital homenageia um dos grandes artistas candeenses que, ao longo da sua existência, desenvolveu conhecimentos que enriquecem até hoje o município. Rolmar Duarte (1942 – 2020) foi escritor, historiador, teatrólogo, poeta e professor. Nos anos “70”, ele dirigiu a Academia de Arte Dramática de Candeias, recebendo várias premiações (EDITAL, 2021). O Edital Rolmar Duarte recebeu cerca de 65 propostas culturais e somente 40 delas melhor adequaram-se aos critérios avaliativos, sendo, portanto, selecionadas. Das 40 propostas, 16 são da categoria A (projetos de até R\$ 5.000,00) e 24 são da categoria B (projetos de até R\$ 10.000,00).

A renda distribuiu-se em movimentações de música, audiovisual, circo, palavra e literatura, dança, informações e indicadores culturais, artesanato e cultura urbana.

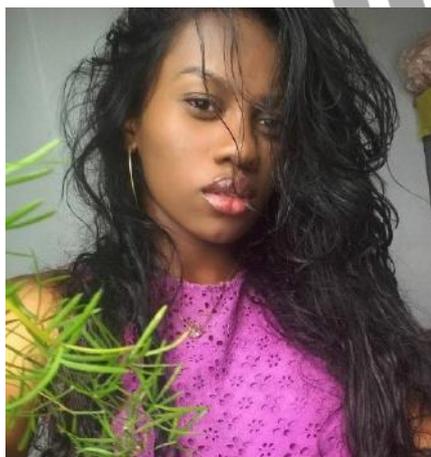
A Lei Aldir Blanc – Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020, alterada pelo Decreto nº 10.464, de 2020, estabeleceu como ação emergencial o repasse de três milhões de reais “[...] para aplicação de apoio ao setor cultural por meio de: manutenção de instituições e organizações culturais, premiações de desenvolvimento de atividades e de manifestações culturais [...]” (BRASIL, 2020. Art. 2º). Desde meados do ano passado, o repasse financeiro público tem sido utilizado por diversos municípios brasileiros em ações culturais. Mas somente em outubro desse ano que o edital veio a público em Candeias.

A dotação orçamentária referente a Lei 14.017/2020 de Emergência Cultural Aldir Blanc – Candeias-Ba tem um suporte total de pouco mais de R\$ 625.000,00 (seiscentos e vinte e cinco mil reais). O valor distribuiu-se entre dois editais. A Chamada Pública 03/2021 Prêmio de Reconhecimento por Trajetória Cultural Aldir Blanc-Candeias que pretendia premiar 150 trajetórias culturais, com o valor simbólico de R\$ 3.000,00 (três mil reais) cada. Já o Edital de Chamada Pública Arnaldo Filho (Nadinho) para Espaços Culturais e Artísticos nº 04/2021 – Lei 14.017/2020 – pretendia premiar 5 organizações culturais, com o valor de R\$ 10.000,00 (dez mil reais) cada. De acordo com o Diário Oficial do município, 149 trajetórias foram premiadas. Na categoria subsídio, somente uma foi contemplada. Lamentavelmente, os candeenses não usufruíram do valor total do recurso.

Devido à pandemia e à necessidade de isolamento social para conter a Covid-19, os artistas não trabalham desde o segundo semestre do ano passado. Sem fonte de renda, muitos deles passaram necessidades extremas. Infelizmente, alguns tiveram que vender os seus instrumentos de trabalho para pagar contas e comprar alimentos. Portanto, os editais são importantes para o apoio e existência aos profissionais da arte e cultura do município.

Muito preocupada com a participação ampla dos artistas, a Secretaria da Cultura e Turismo, com seu grupo de profissionais bem qualificados, antes do início da inscrições para os editais, ofereceu um curso de elaboração de projetos, visto que muitos dos artistas nunca elaboraram um projeto cultural, Esta capacitação foi de extrema importância.

O jornal O Ponto pediu aos concorrentes para expressarem suas opiniões a respeito da importância desses editais e falarem um pouco das suas trajetórias. O Superintendente da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo também participou do bate-papo. Vamos conferir o que eles e elas disseram.



@patty_medrado

Natural de Itaberaba, BA, criada em Boa Vista do Tumpim e residente em Candeias, BA, sou Patty Medrado, poeta, escritora, slammer e capoeirista. Co-autora do e-book “Antologia de Novos Poetas: no princípio era o verso” (Clube dos Escritores e Artistas, 2020) e poeta selecionada no Festival Pretas Poetas de Salvador, Bahia, 2020. Formada em técnica de Logística e graduanda em BI – Humanidades, pela UNILAB-Malês. Sou também membro fundadora do Centro Cultural Maracangalha.

O meu interesse pela escrita surgiu da necessidade de expressar e dar voz a minha potência interior, aos pensamentos livres e plurais. Tenho a escrita como a “mãe” de inúmeras possibilidades: tanto para celebrar a existência quanto para expressar meus descontentamentos cotidianos que me atravessam em meu lugar de fala, enquanto mulher preta, sertaneja e produtora de arte.

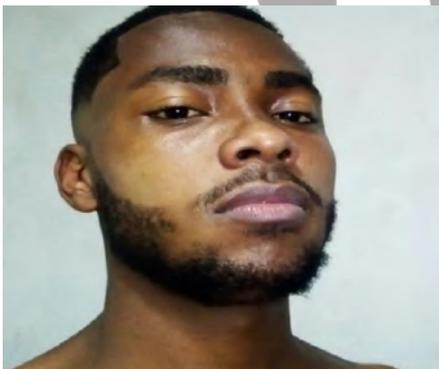
Nesse cenário que estamos vivenciando, gerado pela pandemia do Covid-19, o incentivo e apoio à cultura através de editais são de fundamental importância. Nós, artistas da palavra, e os demais artistas dos diversos seguimentos da cultura, carecemos de uma maior visibilidade e incentivo para mantermos e desenvolvermos atividades socioculturais dentro e fora das nossas comunidades. Sendo artista do segmento da literatura, percebo que há poucos mecanismos que nos possibilitam a criação, produção e articulação das nossas propostas e atividades culturais. Em vista disso, os editais Rolmar Duarte e Aldir Blanc têm sido importantes mecanismos de fomento a cultura, e vêm possibilitando a criação e produção de diversos projetos artísticos-culturais em Candeias. Dessa maneira, acredito que os editais deveriam ser realizados de forma contínua – todos os anos – gerando renda, impulsionando o desenvolvimento social e facilitando o acesso à cultura.

@sacopixo_mc

Me chamo Eric Nascimento dos Santos, mais conhecido como Sacopixo, na cena da arte de rua. Sou artista da palavra, compositor, rapper e B-boy, tendo atuação no meio artístico-cultural. Ingressei na vida artística com dança, quando eu tive meu primeiro contato com um grupo de jovens dançarinos chamado "Dance Boys". Fiz parte desse grupo durante 3 anos, desenvolvendo coreografias, apresentações de dança de rua em alguns campeonatos regionais (Camaçari, Simões Filho e Candeias).



Como rapper, desenvolvi grandes trabalhos na banda "Pro Rap Bahia". Atualmente, estou participando do projeto "Gritos Negros Ancestrais: um E.P em memória de Pivete Raro" com a proponente Natali Mota, pelo edital Rolmar Duarte, homenageando um dos grandes artistas que a arte de rua que o município já teve. Também estou participando do edital Aldir Blanc. Minha participação no edital foi de um grande aprendizado artístico. Aprendi a dar abertura para novas vertentes musicais. Com vivências extraordinárias, fazendo dupla com a grandiosa Natali Mota, soube conquistar-me através da música para obtermos êxito em nossas letras. Sem falar na parceria, veio na melhor hora! Eu estava precisando de ânimo para dar continuidade com a vida artística... Mas me empenhei... estou dando o meu melhor... E tenho certeza de que o trabalho vai sair lindo! Só tenho a agradecer essa grande oportunidade de mostrar o meu talento! Espero que todos se identifiquem.



@the_blackshock

**Veja uma
reportagem
sobre Black Shock
na seção "Malês
Resiste"**

Sou um artista múltiplo: grafiteiro, empreendedor, produtor cultural, ilustrador digital, serigrafo e artista plástico, natural de São Paulo, SP. Atualmente, integro o Conselho Municipal de Política Cultural em Candeias, BA. Meu trabalho aborda temáticas afro-centradas, com foco na valorização dos corpos e identidades negras a partir de elementos da cultura hip-hop. Sou proponente do projeto "Pretu.Peri.Graff: pretos periféricos do graffiti", selecionado pelo Edital Rolmar Duarte. E sou um dos concorrentes do Edital Aldir Blanc.

Para mim, falar do Edital Rolmar Duarte é falar de um investimento cultural necessário para o município. No tempo de pandemia no qual nos encontramos, captar recurso de outros lugares ficou bem difícil e esse edital veio para nos dar um suporte tanto pra fazer arte quanto pra sobreviver. Esse edital é muito importante, assim como o Aldir Blanc, que vai possibilitar a gente a fazer arte. Então, eu só tenho a dizer que esses editais são ferramentas muito necessárias. E que futuramente possamos continuar recebendo esse investimento da Secretaria da Cultura e Turismo da cidade. Se a gente tivesse dois editais por ano, imagine como seria a expansão da cultura. Não só a cultura de rua, mas outras culturas também...



@luzcalimão

Sou Limão (Lucas Lima Ornela), artista urbano, poeta itinerante, mestre de cerimônias e produtor cultural, natural de Ribeirão Preto, SP. Atualmente, produz conteúdos e eventos culturais usando a oralidade das rimas como ferramenta de acesso à juventude da minha comunidade, através de batalhas e rimas.

Aldir Blanc, para mim, é importante porque está reavivando na cidade algo que, quando comecei e me encontrei como artista, não achei. Sei que já existia, enquanto eu estava nesse processo de estar vivendo de arte e me reconhecendo como artista (pois eu não me enxergava como artista). E isso está se reavivando ainda mais com Aldir Blanc. O Rolmar Duarte veio antes do Aldir Blanc, esse primeiro só existiu devido ao processo que já estava. Agora, realmente, estão dando um reconhecimento a tudo que já foi feito desde a época dos mais antigos, dos que vieram antes de mim, tipo

há cinquenta e trinta anos atrás, quando o acesso a tudo era bem mais precário. Também aos que vieram da minha época, há cinco, sete anos atrás, que foi a época em que eu comecei, que colava na rua...

E, principalmente, algo que os editais ajudaram bastante foi a arte de rua, a arte mais subjugada, mais recantada. Então, tivemos esse poder de estar competindo de igual para igual e realmente mostrar para que a gente veio. Para mim, os editais nivelaram esse jogo. A gente só precisava ter uma proposta boa e coerente, que viesse trazer um produto cultural massa pra cidade, que isso viesse reverberar em algo positivo a quem tivesse assistindo ou tivesse consumindo depois – qual fosse o produto cultural.

Teve a importância pessoal, claro, porque, além da moeda que me salvou nesse período de pandemia; penso também que, através do projeto que eu produzi, pude salvar outras cabeças de forma direta. Voltando pro pessoal, os editais tiveram importância para meu portfólio. São os primeiros editais da cidade e foram os primeiros editais para mim também. Além disso, tive acesso aos contatos, o poder de me comunicar com pessoas que eu já admirava e que trabalham na mesma vertente que desenvolvo.

O Edital Rolmar Duarte surgiu da necessidade de responder ao atraso do que seria feito com o recurso do Edital Aldir Blanc. A Secretária de Cultura e Turismo fez todos os trâmites para captar o recurso. Após captar recurso, criou-se um mecanismo para distribuí-lo para os artistas candeenses. Consideramos um marco para o município de Candeias devido ser a primeira vez que o município efetiva um edital cultural. Conseguimos, nessa gestão, implementar políticas públicas culturais, alcançando um número de pessoas. É claro que não conseguimos alcançar todos os artistas pois bem sabemos que todo edital é por natureza excludente, infelizmente.

O Rolmar Duarte servirá como base para outros editais. Mas precisamos salientar que essas políticas de edital são novas para o município e os nossos artistas não estão bem preparados para as receberem. Nós, agentes da SECULTUR, precisamos preparar os trabalhadores da cultura para concorrer não só a editais municipais, como também a editais do estado, da união e de instituições privadas.



Carlos Alberto
Superintendente da
Secretaria de Cultura e
Turismo de Candeias
@seculturcandeias

Infelizmente, tivemos atraso na publicação do Edital Aldir Blanc, porque o Ministério do Turismo, mais precisamente a Secretaria Especial de Cultura, demorou em nos responder. Mas conseguimos levar a público o edital. Esperávamos receber bastantes adesões, mas algumas pessoas não foram alcançadas ou cometeram equívocos no processo de inscrição. O que é foi uma pena!!.

Sabemos bem que temos uma longa batalha pela frente, porque os números mostram que nossos artistas não estão preparados para os editais. Recebemos propostas para o Rolmar Duarte muito vulneráveis e com várias falhas. Infelizmente, há fragilidades na interpretação desse tipo de documento. Além disso, muitos artistas apresentaram certa dificuldade ao elaborar projetos. Visto isso, o nosso planejamento interno para o primeiro semestre de 2022 consiste em promover workshops, oficinas e cursos para capacitar os artistas. Para que, assim, eles consigam elaborar projetos mais adequados e possíveis à contemplação dos editais.

Através dos Editais Rolmar Duarte e Aldir Blanc, coletamos dados muito importantes, os quais denotam a real situação dos artistas candeenses e permitem desenvolver estratégias para qualificá-los. Tendo esse panorama, conseguimos fazer esse planejamento interno para chegar nesses trabalhadores de uma forma organizada. A ideia é que, futuramente, os produtores de arte e cultura concorram a processos seletivos igualmente.

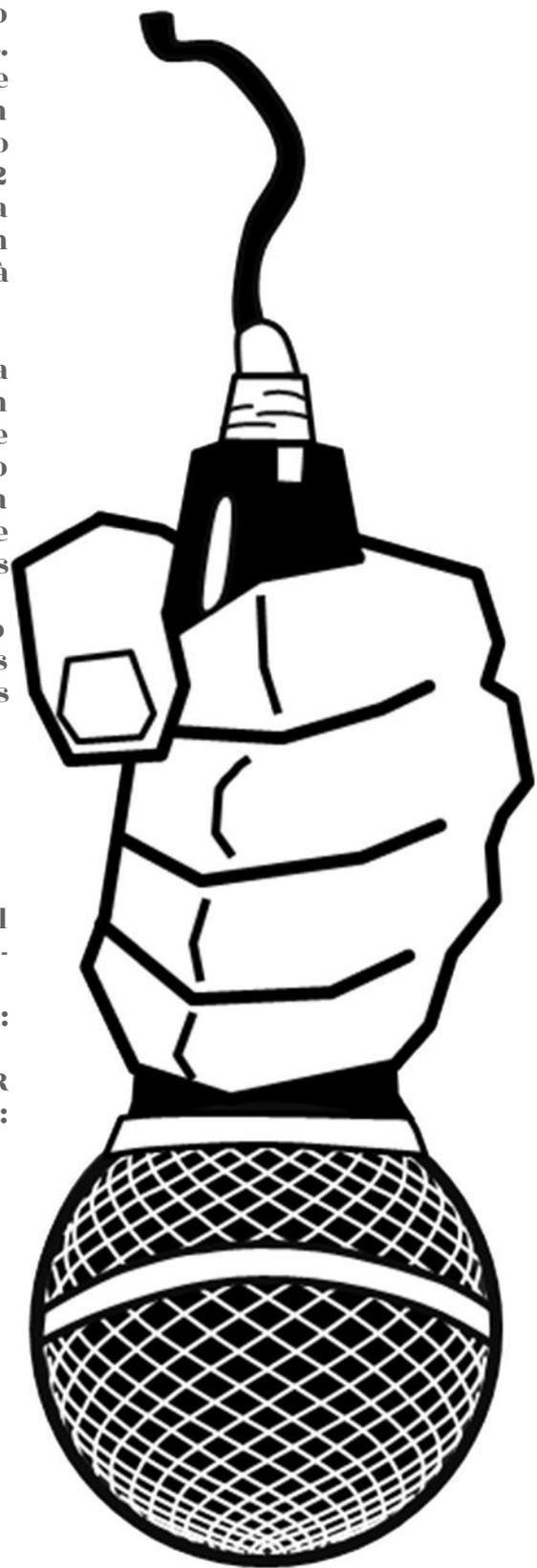
Esta primeira experiência permitiu-nos tanto avaliar o perfil da categoria quanto entender as reais dificuldades que a atravessam. Esperamos, fielmente, que os novos mecanismos também revelem os artistas ainda ocultos.

Referências

BRASIL, Lei de n 14.017, 29 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.017-de-29-de-junho-de-2020-264166628>

EDITAL ROLMAR DUARTE, 2021. Disponível em: <https://editalrolmarduarte.wixsite.com/candeias>

CHAMA PÚBLICA 03/2021 PRÊMIO DE RECONHECIMENTO POR TRAJETÓRIA CULTURAL ALDIR BLANC / CANDEIAS. Disponível: <https://aldirblanccandeias.wixsite.com/cultura>





Black Shock, um artista no Malês

Por Phillips Martin

Black Shock é um produtor cultural, artista e escritor urbano grafiteiro, seu nome de registro civil é Mateus Henrique Santos Bispo. Estudante da UNILAB - Malês desde 2018, no curso de BIH, ativista em causas sociais desde então. Jovem, negro, favelado, curioso, inquieto e além.

Há 4 anos nascia o grafiteiro Black Shock. Seu primeiro contato com o graffiti foi através de uma oficina promovida pela SECULT da cidade de Candeias, ministrada pelo grafiteiro Fábio Barata. Nesta oficina, como proposta de atividade, Black Shock criou sua personagem genérica que acompanha toda sua produção artística visual, uma figura humana black power que nesse meio tempo já se tornou graffiti em muros, estampa em tecidos e ilustração em atividades escolares. Tudo disso resultou em sua base de estudos para outras produções estéticas e estudos acadêmicos e autodidatas.

Shock credits à UNILAB seu despertar para a necessidade das causas identitárias na sociedade, o que hoje está estritamente ligado a seu trabalho artístico e construção sociorracial como homem negro. Porém, assume que, antes de entender essa necessidade, instintivamente já criava seus desenhos relacionados à negritude simplesmente por se colocar como modelo da sua própria arte. Daí, ele relaciona seu posicionamento estético, como cortes de cabelo e estilos de roupas, com seu estilo de vida, assimilado da cultura Hip-Hop como sua visão de mundo e ativismos sociais.





Em suas próprias palavras ele diz que “é realmente necessário ter graffiti na favela” e seu olhar de ativista sociocultural está estritamente direcionado a esta afirmação. A técnica artística mais utilizada por Shock em seu graffiti é a técnica do spray, uma das técnicas mais caras em relação ao custeio deste estilo. Ele indica o preço desta produção artística como um elemento na busca da qualidade do seu trabalho que, em suma, pode ser encontrado em diversas comunidades desprovidas da presença da arte.

Sua preocupação perpassa pelo domínio das artes por certos grupos elitizados e aponta para as dificuldades de acesso à cinema e teatro, por exemplo, por parte das populações marginalizadas nesse contexto. É daí que ele visa levar arte de qualidade para essas comunidades com o objetivo de mudar o visual e a energia do lugar e acessar a autoestima das pessoas, principalmente quando pinta pessoas pretas. Atualmente, Shock foi proponente de um projeto oferecido pela cidade de Candeias através de um edital com orçamentos advindos do setor cultural, este projeto intitulado PRETU.PERI.GRAFI resultou em um mini documentário que pode ser encontrado na plataforma do Youtube (link: <https://youtu.be/2hiETH32M0>), murais na favela e depoimentos de locais e envolvidos no processo.



Em conteúdo fornecido para a produção desta matéria que se lê, Shock nos diz que “depois que você conhece a pauta racial, sendo um artista que já pintava pessoas pretas, isso só se reafirma, fortalece a ideologia, fortalece muito mais a vontade de fazer acontecer, de apresentar um trabalho de alta qualidade que vai mudar pessoas”. Apesar de ser muito agradecido por fazer parte do corpo discente da UNILAB - Malês, Shock acredita que a UNILAB poderia se envolver mais com a arte de rua e o graffiti, conhecendo, investindo e oportunizando artistas que estão dentro da UNILAB além de continuar ajudando as pessoas pretas a entenderem as pautas, entenderem posicionamentos e visões de mundo, visão social de que você é uma pessoa preta, que passa muitas coisas que se deve resistir e lutar contra.



O Ponto



Dúvidas?
Críticas?
Sugestões?

Quer fazer parte de nossa equipe?

jornaloponto@unilab.edu.br

Siga-nos em nossas redes sociais

